

“Ce sont des temps de fraternité”.
Rumo a uma forma de organização
social, econômica e política fraterna¹

By Sandra Cristina Campos²

*...Ainda que eu falasse as línguas dos humanos e dos anjos, se não tiver amor
, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine .*

*Ainda que eu tenha o dom da profecia e saiba de todos os mistérios e todo o
conhecimento, e tivesse toda a fé capaz de mover montanhas, se não tiver
amor, nada serei.*

*E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e se
entregasse meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, eu nada seria.*

*O amor nunca falha, mas havendo profecia, serão aniquiladas; havendo
línguas , cessarão; havendo conhecimento, desaparecerá. Porque , em parte,
conhecemos, e em parte, profetizamos; agora permanecem a fé, a esperança
e o amor, esses três, mas o maior deles é o amor” .^{3. 4}*

¹ CAMPOS, Sandra. (2024) *Sé el cambio que quieres ver en el mundo*. Ed. Espacio del Silencio. Cap. 2

² Ecologista, abogada, máster en gobierno de ciudad. Universidad de Barcelona, directora de www.imagocatalunya.org directora del 4t Seminari Internacional de Convivència Planetària: Construïm Biocivilització- Barcelona <http://www.imagocatalunya.org/seminari-2016/>

³ English Standard Version Bible, 2001, 1 Carta de San Pablo a los Corintios 13: 1-7)

⁴ Banda sonora de la película francesa Azul del director de cinema polaco Krzysztof Kieslowski, que forma parte de la trilogía “Trois couleurs” https://www.youtube.com/watch?v=_1lcpurc7rQ

A humanidade está vivendo o ápice de uma crise sistêmica que começou há algumas décadas. Reconforta e anima saber que milhões de pessoas em todo o planeta se esforçam diariamente-também desde umas décadas atrás-, por construir-se como seres humanos em uma consciência diferente a da comum dominante. Esta mudança interior se reflete em práticas concretas como pessoas, cidadãos, consumidores... no seu cotidiano.

Sem dúvida, estão dando uma colaboração essencial e concreta para a mudança global, tanto no âmbito pessoal como coletivo, que possibilita a materialização de um modelo de paradigma e de convivência planetária diferente daqueles dominantes e em crise, nascidos no próprio seio da modernidade.

Em momentos como este, em que arriscamos a existência da vida no Planeta Terra-me refiro as condições de existência de todas as espécies, incluindo a vida humana- é imperativo que mais homens e mulheres se juntem a essa mudança rapidamente. Se acelerarmos coletivamente neste sentido, seremos a base crítica necessária para a consolidação da mudança de paradigma e de modelo de convivência a nível planetário, antes de cairmos no anunciado abismo , que o próprio ser humano abriu na época conhecida como Antropoceno.

Se trata de uma mudança de consciência que permeie nosso ser e nosso agir, a partir da clareza de quem entende que somos um todo orgânico e interconectado. Como consequência, tudo que um ser humano faz , afeta a todos na rede da vida , e tudo que se faz na rede da vida, afeta o indivíduo de uma forma ou de outra. Somos todos interligados.

Este aspecto é crucial, pois se não houver mudanças sinceramente pessoais em nossas vidas, na prática de umas virtudes diferentes aos valores em que nascemos aqueles de nós que ainda vivemos , como o individualismo, o egoísmo, a competência, a desqualificação, a exclusão do outros, as grandes mudanças coletivas que devemos alcançar, ficarão sem um real sustento.

No entanto, devo ressaltar que isso que podemos chamar a Revolução silenciosa e pacífica das pequenas e profundas coisas é fundamental para conseguir as grandes mudanças que se requerem nos macro cenários da ética, economia e política a nível global. Estou falando de uma nova organização social, política e econômica, de base comunitária, ecológica, em rede e com proximidade interconectada.

Quero a seguir refletir sobre a forma como essas mudanças pessoais podem adquirir uma dimensão política, expressa numa sociedade que se organiza para viver e conviver de maneira harmônica e equilibrada. Ou seja, como o poder organiza seus recursos e resolve seus conflitos respeitando o equilíbrio da rede da vida.

Se cada um de nós aceitar a *parcela de responsabilidade* que temos (por ação ou omissão) no que está acontecendo em sua vida e no planeta, então, teremos a possibilidade de nos capacitar e começar a responder por seus atos, e com isso retomar o poder que temos como pessoa, parte da rede da vida, para mudar sua ação no mundo.

Nesse caminho pessoal, encontraremos muitos outros e que também estão trabalhando nessa construção, nessa caminhada dia a dia, estamos construindo um substrato necessário para que as mudanças individuais se articulem e impulsionem a mudança coletiva.

Como digo, a mudança começa dentro de nós, mas não é suficiente, devemos tecer uma rede de maneira consciente, para avançar coletivamente e alcançar novas formas organização social, econômica e política no mundo exterior. Não se trata de atenuar o que está em crise, se trata de construir um mundo radicalmente diferente.

Por outro lado, quer estejamos interessados ou não, também somos cidadãos, no entanto, a maioria não lidamos com esses temas porque as vezes vemos como distantes, ou inoperantes e liderados em geral por políticos corruptos a serviço de seus próprios interesses pessoais e econômicos que, além disso, não refletem os interesses e as necessidades da maioria de pessoas. Justamente por isso, como cidadãos, devemos sair da nossa zona de conforto, de apatia, crítica e começar a combiná-la com ação envolvimento e compromisso numa perspectiva planetária fraterna.

Tenho me perguntado como poderíamos encontrar uma caminho para uma forma organizacional diferente, na qual possamos conectar nossos projetos de vida pessoal num projeto de vida coletivo, harmonioso, justo e entre muitas coisas que li, se encontra um texto de Victoria Camps⁵ referente a Fraternidade, que sem dúvida fornece muitas pistas e em seguida iremos discutir.

Do três princípios da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade, somente duas tiveram repercussão nos estados modernos: a liberdade e a igualdade. Mas

⁵ Victoria Camps es una filósofa catalana, considerada por muchos como una de las grandes filósofas de la historia. https://es.wikipedia.org/wiki/Victoria_Camps

a fraternidade não teve a mesma sorte, e foi rapidamente relegada ao esquecimento político, talvez por causa do que Victoria Camps disse:

...o valor da fraternidade foi rapidamente esquecido pelos republicanos da Revolução Francesa ,porque a diferença da liberdade e da igualdade, é um valor difícil de normatizar. Para poder normatizá-lo, é necessário que os seres humanos se sintam membros de uma espécie... (Camps, V. 2015).

Acredito que o princípio articulador entre nossos projetos pessoais e coletivos é este terceiro princípio da Revolução Francesa: a Fraternidade, expressada de três formas: em sentimento humano, em virtude ética e em prática política.

E o que é Fraternidade? O que faz com que homens e mulheres se sintam fraternos? Irmãos ou Irmãs Seguindo a Victoria Camps em suas reflexões, antes da revolução francesa, a Fraternidade tinha um sentido que foi dado pelos cristãos, determinado pela filiação divina.

Me Pergunto: O que aconteceu com todos aqueles que tinham outra interpretação de Deus diferente do que tinham os cristãos? Ou não tinham nenhuma filiação divina? Estão , por acaso , por esse fato, excluídos da Fraternidade humana?

Penso que a ideia de Fraternidade dos cristãos daquela época medieval, a que se refere Victoria Camps em seu texto, era uma ideia de fraternidade de exclusão, determinada pelo paradigma civilizatório dominante daquela época, em que o poder ideológico e político estava concentrado na igreja, com o apoio de quem detinha o capital -que naquele momento estava representado na posse da Terra – e as armas. Estou falando dos senhores feudais.

a.-A fraternidade como sentimento

A idéia que tenho de *fraternidade* é aquela de incluir a todos os seres humanos: mulheres e homens, pelo fato de serem da mesma espécie, mas esta fraternidade não se limita somente a espécie humana, acredito que essa filiação fraterna que temos entre os seres humanos que abrangem a todos os seres vivos, é porque todos somos filhos da Terra, viemos de seu ventre. Observemos que todos os elementos químicos da tabla periódica (que nos ensinam nas escolas) presentes no planeta Terra também estão no nosso corpo.

Fomos feitos do mesmo material, como afirma Leonardo Boff⁶ no vídeo das quatro ecologias:

Os científicos que descobriram o código genético, tem nos permitido provar que todos nós seres vivos, somos feitos do mesmo alfabeto biológico, todos estamos construídos com os mesmos 30 aminoácidos e as mesmas quatro bases nitrogenadas, apenas a combinação dessas sílabas, deste alfabeto , diferencia as espécies e assim a biodiversidade... a grande comunidade de vida. Isso significa que todos somos irmãos e irmãs (*fratres*)⁷.

Efetivamente, todos somos da mesma origem, somos membros de uma mesma família da vida; assim a Fraternidade se estende a todos os seres vivos, inclusive a Terra. Nesta Fraternidade de vida, há uma interdependência necessária para existir: “deve ocorrer em um perfeito equilíbrio”, porque se não for assim, as condições de vida desaparecerão.

Apartir dessa ideia inicial de fraternidade que tinham os cristãos, eu resgataria o vínculo que cria entre os seres humanos, porque nos vincula, nos liga, nos compromete um com os outros, “ame o próximo como a ti mesmo”, um mandamento citado por Camps (2015) em seu texto. Mas acredito que devemos ir um passo além, rumo ao essencial, como fez Francisco de Assis, e entender que a Fraternidade acima de tudo é um sentimento (sentirmos o outro) que nos une com todos os seres humanos, com todos os seres vivos: plantas, animais, minerais... e com o planeta, pensamento que refletiu belamente em seu escrito: ¡Laudato Si!

Laudate sie, mi signore, cun tucte le tue creature...

Laudate sie, mi signore, per sora luna e le stelle...

Laudate sie, mi signore, per frate vento...

Laudato sie, mi signore, per sor aqua...

Laudato sie, mi signore, per frate focu...

Laudate sie, mi signore, per sora nostra matre terra...⁸

Hno. Francisco de Assis.

A Fraternidade, é o sentimento que une os seres humanos com os outros seres , nasce simbolicamente no coração, lugar onde habita o amor. A Fraternidade é o sentimento do

⁶ https://es.wikipedia.org/wiki/Leonardo_Boff

⁷ Leonardo Boff. Las cuatro ecologías <https://www.youtube.com/watch?v=0b6QG7P50ww>

⁸ Hno. Francisco de Asís, Cántico del Hermano Sol. <http://www.franciscanos.org/temas/lehmann14.htm>

amor projetado em um vínculo que nasce na nossa essência como pessoas , uns aos outros, e nos une. Portanto a fraternidade é o elo que graça a participação de todos os seres vivos, se entrelaça, se tece, se estrutura em rede.

Não obstante, temos falado sobre o amor. E o que é o amor ao próximo? Não seria por acaso a capacidade de não somente olhar para nós mesmos, mas também se colocar no lugar do outro, doando algo de nós mesmos para o melhor bem-estar do outro? O que nos faz sentir mais amor dentro de nós? E no seria essencialmente o mesmo que propõe o Oriente, quando falam de compaixão ?Ou quando os muçulmanos falam de *rahma*? Ou os movimentos sociais e os esquerdistas quando falam de solidariedade? Para mim, o amor dos cristãos pelo próximo, a compaixão dos budista, o *rahma*, a misericórdia dos muçulmanos, a solidariedade dos esquerdistas e os movimentos antiglobalização são basicamente o mesmo, um sentimento que surge do centro da natureza humana e nos vincula com os outros e com todo o Universo. O maias reafirmam isso permanentemente com a seguinte saudação:

In lak'ech significa 'Eu sou voce'

O outro respondia:

Hala ken significa 'voce sou eu'.

Quando o amor nos coloca em movimento para ajudar o próximo , nos faz sentirmos unidos, entrelaçados e essa é a essência do sentimento da fraternidade: sentimos unidos uns aos outros.

Este *sentimento*, este *reconhecimento que somos irmãos e irmãs* , parte de uma mesma comunidade de vida diversa, o sentimento da fraternidade; o amor estendido, como uma ponte , de dentro de nós até o próximo.

Este sentimento nos permite sair desse nosso mundo egoísta e enxergar o próximo, criando essa dimensão de fraternidade que nos é dado por pertencermos a mesma espécie, vinculado com as outras espécies e com o planeta Terra formando entre todos, uma grande comunidade, uma grande rede de vida.

b.-A Fraternidade como virtude

Não obstante, este sentimento de fraternidade que constrói esse entramado , essa rede entre todas as expressões da vida, também deve tomar forma como uma virtude que determina nossas práticas e como um princípio político, para conseguir construir uma organização social, política e económica totalmente diferente. Com respeito a esse segundo aspectos conclui Victoria Camps:

A fraternidade é uma virtude (ou um dever moral) que deve ser cultivado por todos e cada cidadão deve orgulhar-se de sê-lo. Uma virtude adquirida através da educação e de um *ethos* social e cultural que seja reconhecido como algo valioso. O problema não está tanto na educação e sim na existência de esses *ethos*. Porque a construção de um determinado *ethos* não depende somente da boa vontade dos indivíduos, que nunca será generalizada, senão de mudanças estruturais na sociedade que promovam outro tipo de valores que os económicos. Daí surge a necessidade de entender a fraternidade não somente como virtude, mas também como um princípio político⁹.

Portanto, devemos trabalhar na construção desse *ethos* e torná-lo uma prática pessoal e coletiva.

c.-A Fraternidade como prática política

Alguns pensam que fraternidade é mais no sentido de cooperação, do que de sentimento , como pensavam os republicanos franceses, e Victoria Camps define bem em seu texto. Penso que a cooperação é a outra face da fraternidade e tem a ver com o ato de colaborar, ajudar, esforçar-se em um causa comum, de justar nossa força para contribuir em algo, também tem a ver com a ideia de unir esforços, de ajudar uns aos outros.

Como resultado, essa ideia de cooperação nos dá mais elementos para compreender como a fraternidade se expressa , e tem a ver com essa comunidade de humanos que cooperam para unir esforços voluntários com o objetivo de construir um marco coletivo na qual o individual se harmoniza com o coletivo, sem que o individual seja ignorado, mas também não se disponha aos interesses e ao bem coletivo. Para que isso seja possível, é necessário que, no lugar de entendermos como seres excluídos e antagônicos, nos entendemos como seres articulados, entrelaçados nessa imensa rede da vida que se

⁹ Camps. Victoria, La Fraternidad, condición de la Justicia; Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona,2005, p. 10

manifesta em este planeta e compreende que quando se beneficia o todo social, todos nós nos beneficiamos.

Dice Louis Blanc, que “Na comunidade fraternal todos olham um pelos outros, não existe interesse privado de um setor porque os interesses “verdadeiros” são os que são de interesse comum, de todos os cidadãos ” (Blanc, 1839, p. 14)”.

Essa nova forma organizacional e fraternal é uma construção coletiva, participativa, horizontal, de proximidade com bases locais e expressões globais.

Em outra parte do seu texto afirma Camps que a Fraternidade é um princípio político que:

Efetivamente, não pode ser normativo no sentido que , existe uma lei tributária que obriga a redistribuição de renda, mas que é político na medida em que contribui a modificar estruturas que impedem o cultivo da fraternidade, ou não lhe dão o valor que merece. Precisamente, a raiz da crise econômica, é possível ver com mais clareza, que sem mudanças estruturais profundas, não será apenas o estado de bem ser que não poderá ser sustentado, senão também , não se conseguirão reduzir os vícios de um sistema que, como todo o mundo está de acordo em reconhecer, somente gerará mais desigualdades¹⁰.

Esta forma organizacional que vai além de uma representação democrática, deve encontrar formas coletivas de representação, participação e construção permanente e cotidiana, uma forma organizacional que vá além do associacionismo, do cooperativismo e da democracia, mesmo que se alimentem dele. Em tal sentido, uma das grandes ideologistas do eco feminismo, líder mundial e Prêmio Nobel alternativo, Vandana Shiva¹¹ diz:

Uma das coisas que aprendi nas aulas de hindi foi que os seres humanos fazem parte da *Vasudhaiva Kutumkam* ou da família da terra. Ao fazer parte da família terra, cada um de nós participa da democracia da vida¹².

¹⁰ Op. Cit.

¹¹ https://es.wikipedia.org/wiki/Vandana_Shiva

¹² SHIVA. Vandana, MILES. María, (2016) Ecofeminismo. 2da edición, Barcelona, Icaria Editorial. Colección Antrazyt

A comunidade da vida, inspirada e ativada pelos sentimentos e virtudes fraternais ,deve adotar uma forma de organização, em que o ser humano também alcance essa capacidade a serviço dos interesses comuns , dessa comunidade da vida, utilizando formas e estruturas organizativas pertinentes que favoreçam a harmonia e o equilíbrio; quero dizer, a convivência pacífica e a justiça em todas suas expressões. Disse Camps, referindo ao princípio da associação dos revolucionários republicanos que:

... coloca os problemas coletivos a frente dos individuais, é vista como a condição necessária para construir uma sociedade harmônica, fraternal...sem antagonismos derivados do individualismo. É a maneira de acabar com o espírito egoísta e individualista¹³.

Contudo, essa organização social e política fraterna não pode, pela sua mesma essência, estar baseada na luta de todos contra todos, a livre competência do mercado e o egoísmo: “*Laissez faire et laissez passer, le monde va de lui-même*”. Deixa acontecer, deixa passar, o mundo vai sozinho”. Isso já não anda mais dessa maneira.

d.-Por uma forma de organização social, econômica e política Fraternal

Aqui, agora, todas as pessoas devem zelar por todas as outras, porque os verdadeiros interesses são de todos os cidadãos, que se veem como irmãos e irmãs , como *fratres*, membros de uma mesma família de vida, que entendem que seus atos individuais afetam a coletividade e que os cenários coletivos são essenciais para que essa individualidade se desenvolva e se lance sem prejudicar os outros.

Não basta exercer o sufrágio universal se os que votam e os eleitos não mudaram sua mentalidade e suas práticas cotidianas. No marco do estado fraternal, o individual e o coletivo devem estar conciliados e desde este equilíbrio construir uma comunidade política diferente a já estabelecida.

¹³ Camps. Victoria, La Fraternidad, condición de la Justicia; Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona,2005, p. 2.